

CALEIDOSCÓPIO PRIMO LEVI



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

AISLAN CAMARGO MACIERA

LUCIANA MASSI

Organização

Caleidoscópio Primo Levi

Ensaio sobre um poliédrico quimiscritor

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C128 Caleidoscópio Primo Levi: ensaios sobre um poliédrico quimiscritor /
organização: Aislan Camargo Maciera e Luciana Massi. Campinas, SP: Editora
da Unicamp, 2021.

1. Levi, Primo, 1919-1987. 2. Literatura italiana. 3. Química. 4. Ciência.
5. Fascismo. I. Maciera, Aislan Camargo. II. Massi, Luciana.

CDD – 853.914

– 540

– 500

– 320.533

ISBN 978-65-86253-88-7

Copyright © Aislan Camargo Maciera e Luciana Massi
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – <i>Aislan Camargo Maciera, Luciana Massi</i>	7
PREFÁCIO: QUEM ERA PRIMO LEVI – <i>Domenico Scarpa</i>	15
1. PRIMO LEVI: A BIOBIBLIOGRAFIA DE UM SOBREVIVENTE – <i>Aislan Camargo Maciera</i>	27
2. <i>VITA INFERA</i> : DANTE, PRIMO LEVI – <i>Renato Lessa</i>	87
3. ANALOGIAS ENTRE O PESADELO DE PRIMO LEVI E O POPULISMO CONTEMPORÂNEO NA ITÁLIA – <i>João Carlos Soares Zuin</i>	107
4. ENTRE O AUTOR E A OBRA: UMA ANÁLISE DISPOSICIONAL DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E CIÊNCIA EM PRIMO LEVI – <i>Luciana Massi</i>	147
5. UM QUIMISCRITOR ENTRE (AS)SIMETRIAS – <i>Rafael Cava Mori</i>	167
6. RECEPÇÃO E FORTUNA CRÍTICA: PRIMO LEVI NO BRASIL – <i>Aislan Camargo Maciera</i>	193
NOTAS	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	217
SOBRE OS AUTORES	229

Cada época tem seu fascismo e a isso se chega de muitos modos, não necessariamente com o terror da intimidação policial, mas também negando ou distorcendo informações, corrompendo a justiça, paralisando a educação, divulgando de muitas maneiras sutis a saudade de um mundo no qual a ordem reinava soberana, e a segurança dos poucos privilegiados se nutria do trabalho e do silêncio forçado da maioria.

Primo Levi, “Um passado que acreditávamos não mais voltar”, *A assimetria e a vida*, 2016.

APRESENTAÇÃO

Aislan Camargo Maciera

Luciana Massi

Vivemos tempos sombrios, de retorno a problemas sociais que julgávamos superados. Desde a Terra plana até os campos de concentração, temos cada vez mais provas de que não aprendemos com nosso passado. Convivemos há muito tempo com a fragmentação do conhecimento científico, artístico e filosófico, e seu distanciamento dos problemas e necessidades reais da sociedade até que esses processos fossem naturalizados. No Brasil pandêmico do presidente Jair Bolsonaro, acostumamo-nos, pois não temos mais energia para nos indignar, com a negação da ciência e o cultivo de inimigos imaginários, gerando diversas formas de segregação social. Todos esses fenômenos nos remetem para as lições deixadas por Primo Levi, tornando urgente a rememoração de sua vida e de sua obra, objeto desta coletânea.

O escritor italiano Primo Levi (1919-1987), sobrevivente dos campos de concentração e extermínio nazistas, é um autor central na discussão do pensamento crítico italiano contemporâneo. No momento em que o ambiente intelectual brasileiro olha novamente para a Itália em busca de respostas acerca de questões sociais, políticas e econômicas que emergem nas primeiras décadas do século XXI, trazendo para o debate nomes já célebres e conhecidos, como Antonio Gramsci e Giorgio Agamben, e dialogando com os escritos de Domenico Losurdo e Roberto Esposito, o nome de Primo Levi ganha também importância.

Reconhecido principalmente por sua literatura de testemunho, o autor representa um dos casos mais complexos de criatividade, diversidade de gêneros e modelos de literatura da segunda metade do século XX. O testemunho e a escrita, a memória e a invenção literária, são dimensões paralelas e complementares de sua obra, que devem ser consideradas ao mesmo tempo ou, utilizando as palavras do professor e crítico literário Marco Belpoliti, devem ser olhadas “de frente e de perfil”. A partir de suas escolhas literárias – a clareza, como fundamento da linguagem, e a observação, como método e gênese de sua escrita –, Levi decide pela objetividade de análise e exposição, a fim de cumprir a função de testemunha do *Lager*: dizer o indizível, e fazer o leitor participe daquele universo que, infelizmente, teima em não desaparecer. A sua obra literária funda-se na observação e na memória, no conhecimento científico; é humanista, racional e objetiva; visa à reflexão sobre o homem e a sua condição. Estabelecendo reflexões sobre as relações humanas, nas mais diversas e traumáticas realidades e construções sociais, o seu testemunho e a sua ficção estão intrinsecamente ligados a uma análise da condição humana. A observação criteriosa, a clareza e a objetividade de Primo Levi são ferramentas, e fontes indispensáveis, de diálogo e reflexão em um tempo no qual a memória é atacada, e a história reelaborada, em favor de muitas pós-verdades que interessam ao discurso e ao pensamento hegemônico. Sua obra é um imperativo para se pensar e refletir sobre as crescentes ameaças à democracia, à igualdade de direitos, perpetradas por políticas autoritárias através de revisionismos e negacionismos históricos e científicos.

Por isso, a proposta desta coletânea é a apresentação de Primo Levi como grande nome da literatura pós-Segunda Guerra Mundial, mas também como um dos maiores pensadores contemporâneos. Pretende-se, através dos textos aqui reunidos, destacar as múltiplas facetas da obra do “narrador de Auschwitz” – que estão muito além

da literatura de testemunho –, que o constituem precisamente como um autor poliédrico, dada a diversidade de gêneros que compõe e dos temas dos quais tratou.

Considerando as traduções, a recepção e a geração de uma fortuna crítica no Brasil, percebemos que a obra de Primo Levi é estudada exatamente a partir de seu caráter testemunhal. Muitos são os estudos e escritos, sobretudo acadêmicos, que pertencem a diversas áreas do conhecimento, mas que tomam como ponto de partida e premissa os três livros nos quais o autor trata de forma mais direta da sua experiência como deportado e sobrevivente da *Shoah*: *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, que juntos formam a chamada Trilogia de Auschwitz.

Nesta coletânea, porém, voltamos os olhos do leitor para o todo, para os escritos que, além desses, são parte integrante e indissociável de uma carreira literária de 40 anos, que nasce da experiência, da memória e da necessidade de narrar; que se inicia através do testemunho e da autobiografia, mas que parte para o campo da ficção – inclusive de certa forma de ficção científica –, da poesia, do romance, da ensaística. Não se pode perder de vista, e este é um ponto fundamental muitas vezes negligenciado nos estudos sobre o autor, que Levi é um dos escritores, considerando-se toda a história da literatura, que mais aproximam as chamadas “duas culturas”, um caso emblemático do *ménage a trois* entre ciência, técnica e literatura. Muitos autores desta coletânea adotaram a expressão “quimiscritor” – proposta por Carlos Sérgio Leonardo Júnior¹ – para indicar esse imbricamento presente na vida e obra de Levi.

Inspirados pela linguagem metafórica, habilmente empregada por Levi, entendemos esta obra como um olhar para o interior de um caleidoscópio. Como se esse objeto curioso fosse o próprio “quimiscritor”, cada um dos diferentes aspectos de seu caráter poliédrico equivale, nessa metáfora, aos pequenos fragmentos coloridos dispostos no interior do caleidoscópio. Nossos textos,

como espelhos inclinados, desvelam, por meio de um movimento analítico, as características desse autor multifacetado, quando mirado sob enfoques específicos que não desconsideram seu caráter poliédrico. Assim, o conjunto dos ensaios que compõem esta obra, produzidos por autores de diferentes áreas e instituições, pretende escrutinar esse caleidoscópio trazendo em cada texto um enfoque que é construído a partir do reconhecimento do caráter multifacetado da vida e obra de Primo Levi. As diferentes formações e perspectivas mobilizadas pelos autores desta coletânea revelam as diferentes imagens que a vida e a obra de Levi refletem, produzindo importantes pontos de convergência e ampliando ainda mais o caráter poliédrico desse autor.

Assim sendo, o professor, crítico literário e tradutor italiano Domenico Scarpa, que também é consultor literário-editorial do Centro Internazionale di Studi Primo Levi de Turim, cidade natal do autor, traça um panorama de Levi, situando-o como um dos grandes renovadores da literatura italiana do século XX. No Prefácio a este volume, Scarpa traz alguns apontamentos para que um dia, quem sabe, consigamos responder plenamente à pergunta: quem era Primo Levi? A complexidade da resposta, como o leitor verá, nasce exatamente da complexidade do autor e de sua obra. Ainda é preciso mergulhar mais a fundo, se de fato quisermos esgotar a questão.

Por isso, a biografia – ou biobibliografia – de Primo Levi é apresentada no primeiro capítulo deste volume. O professor Aislan Camargo Maciera traz, através de breves notas biográficas e bibliográficas, o itinerário de Levi: judeu assimilado de família burguesa, deportado e sobrevivente, químico e escritor, intelectual engajado. Através de sua trajetória, conseguimos compreender algumas de suas escolhas, inclusive literárias e editoriais, e, através de sua obra, podemos ver refletida a imagem daquele homem laico e profundamente humanista, curioso e extremamente inquieto,

apesar de pacato e sereno. O texto representa a mais completa e concisa biografia de Levi disponível em português, dialogando e complementando outras biografias completas de Levi, publicadas em inglês, espanhol e italiano. Mesclando elementos biográficos com análises literárias de sua obra, este, que é o maior capítulo desta coletânea, cria e consolida o gênero da biobibliografia por meio desse rico “quimiscritor”, cuja vida e obra apresenta profundas inter-relações.

A concisa biografia de Levi fará o leitor reconhecer o caráter poliédrico não somente do autor, mas de toda a sua obra. Obra que, apesar da diversidade que apresenta, tem suas raízes fincadas na tradição literária italiana – de Dante Alighieri a Giacomo Leopardi e Alessandro Manzoni – e universal, assim como demonstra o texto de Renato Lessa, “*Vita infera: Dante, Primo Levi*”, que leva o leitor a observar a reconstrução analítica e estética efetuada por Primo Levi a respeito da experiência como deportado no campo de extermínio do complexo de Auschwitz. Assim como Virgílio acompanhou Dante em seu trajeto através do Inferno e do Purgatório, Dante se fez presente para Primo Levi como doador de sentido e retaguarda semântica no *Lager*. Dois aspectos são apresentados como centrais para o amálgama Dante-Campo, inventado por Primo Levi: a duração temporal da internação no Campo como trajeto em direção ao fundo – vale dizer, como queda – e a constituição de enredos nos quais se dá a ver a experiência da escuta do sofrimento humano, assim na Terra como no Inferno.

Saindo da literatura e caminhando por outra vereda, a da sociologia, João Carlos Soares Zuin apresenta-nos, em “Analogias entre o pesadelo de Primo Levi e o populismo contemporâneo na Itália”, um texto que pode ser considerado um dos grandes exemplos de como a obra de Primo Levi é atual: em suas reflexões, o professor Zuin destaca que uma das grandes preocupações de Levi foi da sobrevivência de aspectos do nazismo e do fascismo na

sociedade contemporânea. E hoje, em pleno século XXI, deparamo-nos com o reaparecimento de novas formas de dominação política, baseada na violência, na construção de espaços de concentração, segregação e extermínio do inimigo, e naquilo que acabou sendo um dos cerne da escrita “primoleviana”: a desumanização do indivíduo promovida por políticas autoritárias. Partindo das reflexões de Primo Levi, o autor do ensaio busca compreender como a narrativa de testemunho do *Lager* possibilita a compreensão das novas formas políticas que promovem o racismo, a intolerância e a desumanização dos imigrantes na Itália e na Europa, no final do século XX e início do século XXI. O texto claramente aponta para os perigos da extrema direita, cujas ações orquestradas são repetidas em diversos países, fornecendo importantes reflexões para pensar o cenário nacional.

Representando o caráter técnico-científico dos escritos de Levi, mais dois textos compõem o presente volume, ambos de químicos – colegas de profissão do autor turinense –, cujas pesquisas são voltadas para a área do ensino e educação em ciências. Possivelmente inspirados pela obra do quimicrator, ambos produzem ensaios em primeira pessoa, comentam sobre sua relação com a vida e a obra de Levi e adotam como objeto a relação entre literatura e ciência. O primeiro, “Entre o autor e a obra: uma análise disposicional da relação entre literatura e ciência em Primo Levi”, de Luciana Massi, representa propriamente a intersecção entre química e literatura representada por Levi, por meio de uma análise sociológica disposicionalista. Essa ferramenta teórica e metodológica foi proposta por Bernard Lahire, que defende ser possível encontrar na vida a interpretação da obra dos escritores. Visando testar essa hipótese, foi desenvolvido um exercício analítico que identificou três disposições interligadas em Levi. A disposição para o racionalismo científico foi identificada pela gênese paterna e pelo olhar científico de Levi para a vida, expresso em sua obra. A disposição para o humanitarismo envolve

as relações pessoais, a defesa dos direitos humanos e a divulgação científica como marcas dessa preocupação com o bem comum da humanidade. A disposição para a busca de conhecimento destaca os esforços e o ótimo desempenho como estudante em diversas etapas da vida e a intensa relação desta com a disposição para o racionalismo científico. Assim, considerando as peculiaridades desse “quimiscritor”, foi possível reconhecer as potencialidades dessa metodologia, bem como seus limites apontando para diversos aspectos da vida de Levi que não estão contemplados em suas obras.

Complementando as considerações sobre o caráter e o olhar científico de Primo Levi, Rafael Cava Mori traz importantes reflexões em seu “Um quimiscritor entre (as)simetrias”, que demonstram como alguns escritos do autor – e diríamos que esse número é consideravelmente grande – são precisamente exemplos magníficos da relação entre os campos do saber e, portanto, representações do caráter multidisciplinar que constitui os seus escritos. O ensaio de Mori aborda o texto “A assimetria e a vida”, no qual o “quimiscritor”, além de reunir ciência e arte, também acena para o campo do conhecimento denominado “filosofia da química”, destacando-se a relutância do autor em aceitar um universo assimétrico. O tema da simetria, e de sua quebra, é constante no desenvolvimento do pensamento humano: das simetrias espacial, temporal e espaço-temporal, da filosofia grega à física moderna; até, mais atualmente, a simetria em escalas, no âmbito da ciência do caos. É tema central também na química, especialmente na estereoquímica, com a noção de quiralidade e de enantiômeros. Em “A assimetria e a vida”, Primo Levi discorre sobre as causas final e eficiente de uma assimetria que resulta da prevalência dos enantiômeros esquerdos, na constituição das biomoléculas. O texto elenca sete hipóteses explicativas da origem do fenômeno. Em sua maior parte, elas vão ao encontro da ideia de evento único – o que se relaciona a entendimentos contemporâneos sobre a evolução dos sistemas dinâmicos. Curio-

samente, o campo da filosofia da química, ao abordar a questão dos enantiômeros e de sua relação com a (ir)reduzibilidade da química à física, também se aproxima desses entendimentos, ao postular a quiralidade enquanto propriedade emergente.

Por fim, no último capítulo da coletânea, apresentamos um breve panorama da recepção e da fortuna crítica de Primo Levi no Brasil, com a exposição de todas as traduções que por aqui foram lançadas, e com uma lista de obras ainda a serem descobertas pelo leitor brasileiro. Além de concluir a coletânea destacando e retomando pontos fundamentais discutidos ao longo da obra, esse texto se constitui em um catálogo indispensável para o leitor conhecer e compreender a inserção de Levi em território nacional. Com esse texto final e o conjunto desta obra, pretendemos aproximar o leitor brasileiro desse autor ampliando sua percepção sobre Levi para além do “narrador de Auschwitz”. Esperamos que esse esforço contribua para divulgar a diversidade da obra de Primo Levi e que esta leitura nos inspire e mobilize para a luta contra os processos de desumanização, pós-verdade e negacionismo que temos vivido neste país, há alguns anos, e se ampliaram em tempos pandêmicos.

PREFÁCIO

QUEM ERA PRIMO LEVI*

Domenico Scarpa

“Sou um homem normal de boa memória que esbarrou em um vórtice, que dele saiu por sorte ou virtude, e que desde então conserva uma certa curiosidade pelos vórtices, grandes e pequenos, metafóricos e materiais.”

Primo Levi escreveu essas palavras para apresentar uma coletânea intitulada *Racconti e saggi* [“Contos e ensaios”]. Era outubro de 1986, apenas seis meses antes da sua morte, mas o tom não é, de fato, um tom de testamento, mas sim de uma aposta no futuro. Com essa breve frase, Primo Levi nos oferece uma definição de si mesmo, e, graças à sua exatidão, incisividade e ironia, podemos tê-la como suficiente, porque é uma síntese da sua vida e da sua obra.

Se, porém, nós mesmos quiséssemos tentar dizer quem era Primo Levi, seria melhor adicionar um ponto de interrogação: “Quem era Primo Levi?”. Há dois anos, quando seis de suas obras foram distribuídas com o jornal *La Stampa*, o cotidiano de Turim com o qual colaborou durante muito tempo, o Centro Internazionale di Studi Primo Levi, que opera na mesma cidade desde 2008, tentou responder à pergunta através de algumas linhas impressas em cada uma das seis capas daqueles volumes: “Há cem anos do

* Tradução de Aislan Camargo Maciera.

seu nascimento, em todo o mundo, Primo Levi é reconhecido não somente como uma entre as maiores testemunhas de Auschwitz, mas como um homem de pensamento capaz de desencadear, com qualquer um de seus leitores, um diálogo claro, apaixonado, arguto”.

Esta também é uma síntese, e talvez chega a dizer algumas coisas essenciais, mas é sobretudo uma frase que elenca talentos e campos do saber muito diversos e que, por isso, se abre em muitas direções: uma frase que demonstra a dificuldade de oferecer uma “fórmula Primo Levi” que seja sintética e, ao mesmo tempo, completa. Tal dificuldade é um fato positivo. Se hoje não é possível dizer, imediatamente, “quem era Primo Levi”, isso significa que a ele não se pode aplicar nenhuma etiqueta, nenhuma definição unitária e satisfatória; significa que Levi foi mais coisas além de testemunha, não todas imediatamente decifráveis; e, além disso, significa que fez mais coisas, uma quantidade tão grande de coisas, que nem mesmo alguns especialistas em sua obra conhecem todas.

Por essa razão, é particularmente útil propor a pergunta “Quem era Primo Levi?” exatamente hoje, em 2021, e no início de uma coletânea de estudos que é publicada no Brasil, isto é, um dos países no mundo que mais intensamente trabalharam sobre a sua figura e a sua obra.

Até 1987, para quase todo o mundo, Primo Levi era o autor de *É isto um homem?*, a sua obra-prima, à qual ele mesmo chamava de seu livro “primogênito”. Levi era uma testemunha de Auschwitz, uma das maiores. Era o homem atento, era aquele que no campo de extermínio tinha cumprido o papel forçado de vítima, mas, no mesmo momento em que sofria o *Lager* na própria pele, era também um observador, uma testemunha, e até mesmo um “pesquisador”, no sentido científico da palavra, precisamente: investigador das pessoas e dos mecanismos que moviam aquela imensa fábrica de destruição. Em Auschwitz, Levi é acima de tudo um prisioneiro que quer entender, que não para de fazer perguntas enquanto descreve

com clareza para nós o horror e o absurdo daquilo que acontece a cada momento; e são exatamente essas suas questões, a sua precisão, a sua clareza, a sua vontade de compreender, que dão uma dimensão extra à história de *É isto um homem?*

Sabemos que Levi era também um químico, um químico-escritor: um “quimiscritor”, como vem nomeado nesta própria coletânea, com uma bela criação verbal. Do seu ser químico, ele mesmo já havia tratado desde *É isto um homem?*, em que há o capítulo “Exame de química”. Mas, que Levi era um químico, os leitores souberam sobretudo através de um livro publicado quase 30 anos mais tarde: *A tabela periódica*, um livro em grande parte autobiográfico, um livro belo e estranho, não classificável, um livro que vinha se juntar a algo – Auschwitz, o campo de extermínio – que parecia ocupar todo o espaço disponível com as duas narrativas que Levi já havia feito, a da “viagem para baixo” no livro “primogênito” e, mais tarde, a de *A trégua*, com a história dos últimos dias de Auschwitz e dos longos meses de retorno através de uma Europa dilacerada pela guerra, mas que também voltava a viver com desordem e energia.

Ao lado da narrativa da testemunha, estava, portanto, a ciência que, em um primeiro momento, parecia quase uma curiosidade: não se sabia bem onde colocá-la. Embora Italo Calvino já tivesse definido *A tabela periódica* como “o mais ‘primoleviano’” dos livros de Primo Levi (a frase é de 1981, e, quando um adjetivo é cunhado para um escritor, derivado de seu nome, significa que aquele escritor é realmente importante); embora, portanto, a partir do início dos anos 1980, existisse a palavra “primoleviano”, aquela coletânea de 21 contos, cada um com o nome de um elemento químico, de “Argônio” a “Carbono”, continuava a parecer um objeto único e inclassificável, diferente dos demais, mas era precisamente isso que o fazia um livro “primoleviano”, e este é o centro de gravidade de uma obra, por sua vez, única e inclassificável.

Uma palavra iluminadora chegou, apenas dois dias após a morte de Primo Levi, de um musicólogo turinense – Massimo Mila –, que não tinha convivido muito com ele, porém era dotado de grande sensibilidade. No *La Stampa*, em 14 de abril de 1987, Mila assim escreveu: “Parecerá um absurdo, mas, se me pedissem para definir o escritor com uma só palavra, diria que era um humorista”.

Não era um paradoxo, Mila dissera uma coisa justa. Desde as primeiras páginas de *É isto um homem?*, Levi soube colher e descrever o grotesco e o absurdo do *Lager* ao lado de seu horror, “dentro” de seu horror. A ironia era inerente ao próprio fato de observar, descrever e narrar a si mesmo, como se fosse de fora: naquele livro há um “eu” que age (mas sobretudo, dada a situação, um “eu” que sofre) e um “eu” que fala, que pensa, que raciocina – e, enfim, que escreve. Desse estado de coisas, surgem as muitas vozes que se podem distinguir e decifrar em *É isto um homem?*.

Nos 17 capítulos do livro, aos quais se juntam o breve Prefácio e o poema-epígrafe (esses últimos, dois textos completamente diversos, tal como o dia e a noite, devido aos respectivos tons que apresentam), de fato se reúnem uma pluralidade de vozes diversas umas das outras, e se encontram muitos registros e modos expressivos, narrativos, perceptivos e de pensamento, com contínuas separações e trocas recíprocas, e com passagens de fusão polifônica dentro de uma voz de autor que é sempre unitária, sempre una e sólida.

O registro-base, o mais simples, é a descrição: observar atentamente uma realidade estranha para entendê-la e depois transcrevê-la a serviço de quem não estava presente. Um segundo registro, igualmente simples, é, porém, dinâmico: é a narrativa linear, um longo percurso no qual se move olhando, ouvindo e fazendo descobertas. Muitas vezes, ao longo desse percurso, Levi muda o foco e isola as figuras, os quadros plásticos: aproxima-se para contar e descrever melhor, como se usasse uma lente ou um microscópio. A essa modalidade se entrelaça uma posterior

declinação da voz, a dos pensamentos que se desenvolvem a partir das coisas vistas e narradas: Levi imerge-se na própria alma, mas também na de seus semelhantes, vítimas ou algozes que sejam. Em muitos pontos então (e estão entre as páginas que mais tocam o íntimo do leitor) Levi se refere a sonhos, pessoais ou coletivos, indo mais a fundo e trazendo de volta à luz, com perfeito controle, aquelas imagens incompreensíveis. Com igual domínio, consegue oferecer-nos o ponto de vista do depois, e este é um aspecto importante: *É isto um homem?* foi escrito, na maior parte, há aproximadamente um ano de distância dos fatos, e publicado somente três anos e meio depois que a peripécia de Auschwitz havia começado, com as 650 pessoas que, em 22 de fevereiro de 1944, deixavam o campo de Fossoli em 13 vagões de carga. Levi tirou proveito daquela janela temporal para vir, nos momentos oportunos, falar da própria experiência como se estivesse de fora, com o distanciamento do historiador ou do pesquisador científico, e de um ponto de vista que jamais é aquele da banal sabedoria do depois. De vez em quando (e é ainda uma outra de suas vozes), Levi formula comentários, ou seja, chega a olhar como que do alto o passado próximo do *Lager*, sem perder o contato moral e perceptivo com a própria experiência. Tudo isso lhe permite emitir a última de suas vozes, aquela que se dirige diretamente aos leitores, convocando-os, mas colocando-se em jogo no mesmo momento em que lhes pede uma reação: e lhes pede em tons que podem ser muito diversos, como de fato se pode ver, respectivamente, no Prefácio e no poema-epígrafe.

Tudo isso equivale a dizer uma coisa simples, mas não óbvia: Primo Levi era um escritor, e o foi desde o primeiro livro, que inclusive é, muitas vezes, classificado como uma mera obra de puro testemunho. Aqui vale a pena insistir sobre as medidas do tempo: sobre o fato de que *É isto um homem?* sai quase três anos depois da liberação de Auschwitz por parte do Exército Vermelho; dois anos e meio depois do fim da guerra; dois anos depois da sua

volta a Turim. É um período longo, quando se pensa o quanto foi rápida e tumultuosa a história daquela época de reconstrução, e é um período igualmente longo para um homem jovem que passou por experiências tão dilacerantes, tão diversas entre si, e que as recorda, as interroga, pensa sobre, volta para a sua cidade e para a sua casa, retoma a vida, encontra um trabalho, depois outro, depois outro ainda, namora e se casa, começa uma nova vida, e, enquanto faz tudo isso, escreve – como veremos – sobre tudo, e não somente de testemunho, não somente *É isto um homem?*.

A multiplicidade de Primo Levi encontra-se já no poema-epígrafe de seu primeiro livro, em que há uma notável citação de Dante: o imperativo “Considerai”, que vem precisamente do “Canto de Ulisses”, do canto XXVI do *Inferno*, ao qual é dedicado o capítulo mais célebre do livro. Mas não é somente Dante. É um poema cheio de citações conhecidas, porém não declaradas: sobretudo do Antigo Testamento, em particular do Deuteronômio 6, 6-7, e do Salmo 137, como Alberto Cavaglion demonstrou em sua edição comentada da obra, publicada pela editora Einaudi em 2012. Em uma entrevista de 1982, Levi disse que aquela poesia é uma “interpretação blasfema” do Shemà Israel, a oração fundamental do judaísmo, na qual se afirma a unicidade de Deus. Na “contraoração” de *É isto um homem?*, afirma-se, vice-versa, a singularidade de Auschwitz.

Ora, bem no meio do entrelaçamento dessas escritas ilustres ou sagradas, esbarramos em um verso memorável – “Que morre por um sim ou por um não” –, o qual, por sua vez, é uma citação, mas de uma origem completamente diferente: o *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand (1898), segundo ato, oitava cena: “Por um sim, por um não, lutar – ou fazer versos!” [“Pour un oui, pour un non, se battre, – ou faire un vers!”].

Tentemos recapitular. Primo Levi, que é um ateu convicto, mas possui um forte senso do sagrado e do mistério, e que conhece e respeita as Sagradas Escrituras, não somente as do judaísmo (cita